

CartoGrafando as vivências poéticas das crianças com arte contemporânea

*Núbia Agostinha Carvalho Santos
Fátima Vasconcelos da Costa*

Considerações iniciais

*A vida só é possível reinventada.
(Cecília Meireles)*

A epígrafe do poema de Cecília Meireles nos convoca a pensar não só a vida e a arte como invenções, mas, sobretudo, pensar as crianças como inventoras e reinventoras que têm “mil modos” de se dizerem como sujeitos produtores e consumidores de cultura. Aqui, pensamos as crianças como poetas e filósofas em potência. Esta pujança derramada que explode quando as crianças têm a palavra e faz desta uma festa, uma poesia, enfim um modo singular de dizer as coisas simples e bonitas da vida.

É sobre invenções que queremos escrever algumas palavras para refletirmos juntos sobre a imaginação criadora das crianças. Os estudos da infância muito já disseram sobre as crianças, mas sempre se tem algo para ser dito ou acrescentar ou mesmo reinventar sobre esses atores sociais que ocupam a categoria geracional infância (SARMENTO, 2008).

Os dizeres das crianças seduzem pesquisadores, professores e pais que por alguma razão se põem a pensar, a escutar, a fabular acerca das narrativas (re)elaboradas, (re)inventadas pelas crianças. Elas são seres inventores que criam em qualquer situação modos de se comunicarem. Aqui, o nosso contexto de criação é uma exposição de Arte contemporânea, realizada no Espaço Cultural UNIFOR, em 2015. O público foi constituído por crianças entre 4 e 5 anos, da Unidade Universitária Federal de Educação Infantil, Núcleo de Desenvolvimento da Criança (UUNDC).

A abordagem metodológica adotada lança mão da pesquisa-intervenção aliada à cartografia, na qual foram propostas visitas museo-

lógicas, precedidas de proposições relativas à atividade e sucedidas de produção acerca do vivido. Tais proposições tiveram um caráter aberto, em consonância com os interesses das crianças em interagir, narrar, inventar, questionar e observar em diálogo com as obras da artista contemporânea Adriana Varejão.

O que seria o visível e o invisível para as crianças da educação infantil, numa exposição de arte contemporânea? A partir da linguagem das crianças, seja ela falada, desenhada ou corporal, nos debruçamos em analisar as microcartografias poéticas produzidas pelas crianças na experiência que testemunhamos na pesquisa. Que histórias as crianças narram, tendo objetos artísticos contemporâneos como mediadores?

Para responder a estas questões, acessamos camadas do não-dito ou dito de um outro modo. Assim, ancoramos nossas análises no filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin (2011), que discute as relações dialógicas constituidoras de sentidos; no conceito de rizoma de Gilles Deleuze e Félix Guatarri (2014; 2010), que se refere a um mapa de multiplicidades constituído por linhas, dimensões e desterritorializações; em Costa (2012), que compreende a criação lúdico-imaginária da criança como uma produção discursiva multissemiótica; em Jorge Larrosa (2016), que pensa a experiência como algo que nos acontece; e ainda em Lev Vigotski (2002, 2006), que valoriza os processos de mediação para o alargamento do conhecimento, seja ele, científico, cultural e artístico.

Cartografias: modos de ver e narrar das crianças da educação infantil

Mãe, parece o coração da casa!
(Hanna – 5 anos, sujeito da pesquisa)

No processo da pesquisa, foram realizadas quatro visitas a duas exposições de Arte contemporânea, no Espaço cultural Airton Queiroz, com a mesma turma – no período em que as crianças estavam no Infantil IV (2015) e no Infantil V (2016). Aqui, recortaremos algumas narrativas da 2ª visita referente à “Exposição Adriana Varejão: pele do tempo”, além da microcartografia “Mapa das fotos” relacionada a esta mostra,

contudo realizada em 2016.1. Estas ações vividas em 2015 vão reverberar nas narrativas das crianças pelo ano de 2016.

A nossa 1ª visita à “Exposição Adriana Varejão: pele do tempo” se realizou de um modo mais panorâmico para as crianças conhecerem o espaço expositivo. A mediação acontecia em algumas obras, às vezes escolhidas pelas crianças, às vezes a mediadora as escolhia. Era para ser mais livre, contudo dado o excesso de controle institucional e ainda por contar no grupo com duas crianças autistas, uma das quais era mais inquieta, o que causou incômodo nos guardas da exposição, mas não só esta criança, as outras também causaram desconforto à mediadora e aos guardas, pelo fato de falarem alto, algumas querem tocar nas obras, mesmo quando elas sabiam o porquê de não poder tocar e principalmente por quererem passar da linha de demarcação, isto é, linha que separa o visitante da obra por certa distância.

Ainda que a 1ª visita tenha sido atravessada por tensões, ela foi muito positiva e produtiva. As crianças demonstraram vontade de retornar ao espaço. A partir da escuta sensível da professora Carmem, que num certo dia, na sala de aula, depois dessa 1ª visita, nos chamou a atenção para Fernando e Danilo numa animada Roda de conversa com as outras crianças, os quais disputavam a fala para dizer de suas impressões sobre a visita à exposição. No meio de tantas vozes, estes dois meninos nos disseram:

“- Eu vi um obra que ninguém viu” (Fernando).

“- Eu também vi” (Danilo). Naquele momento, o silêncio se fez presente na sala de aula.

Começamos a indagar como era a obra. Fernando desenhava no ar, algo.

“- É assim, parece um S”.

Tentamos adivinhar, tentamos localizar a obra em nossa cabeça, mas nada. Podemos dizer que aquela obra olhou para os meninos e os olhos destes se encontraram com a obra, vendo-a na sua potência. “[...] coisas a ver de longe e a tocar de perto, coisas que se quer ou não se poder acariciar. Obstáculos, mas também coisas de onde sair e onde reentrar. Ou seja, volumes dotados de vazios” (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 35).

Neste sentido, as crianças foram afetadas pela obra que ninguém viu. E essa lacuna foi preenchida pelas narrativas de Fernando e Danilo, que nos fizeram voltar ao Espaço Cultural Airton Queiroz.

Assim, ficou combinado, tacitamente, que estas duas crianças nos conduziram à exposição “Adriana Varejão: pele do tempo”, não pelo começo, nem pelo fim, mas pelo meio, pelo entre. O Entre as palavras, o deslizar entre obras daquele espaço cultural. Para Deleuze e Guattari, (2014, p.44) “Um platô está sempre no meio, nem início nem fim. Um rizoma é feito de platôs”.

“Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-se, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõem o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e...e...e”. Há nesta conjunção força suficiente para desenraizar o verbo ser (DELEUZE e GUATTARI, 2014, p.48)

Foi com essa ideia de soma, de multiplicidades que nos dirigimos ao encontro com a obra que ninguém viu, em novembro de 2015. As crianças antes de adentrarem à exposição são recepcionadas por duas educadoras do museu. Professoras, educadoras, mães, pesquisadora e crianças sentam no chão formando um círculo. Pusemos as educadoras a par dos objetivos da visita. Elas advertem as crianças sobre as regras do espaço, regras já conhecidas pelas crianças.

Aqui destacaremos dois momentos da 2ª visita à exposição “Adriana Varejão pele do tempo”: o momento inicial (roda de conversa) e a visita à obra que ninguém viu. Esta se refere à obra “Ruína de Charque Humaitá” (2001). Mais adiante, partilharemos alguns desdobramentos provocados pela mediação pedagógica, meses depois, sobre essa experiência artística em arte contemporânea vivida na escola e no museu.

Roda de conversa sobre a 2ª visita

Educadora do museu (E.M) – Boa tarde. Vocês gostaram da 1ª visita?

Todos – Sim. Confirmam com a cabeça.

E. M – Foi bom? O que foi que vocês viram?

Fernando – As coisas.

Hanna – A arte.

Educadora – A arte?

Fernando – Eu vi uma obra que ninguém viu.

Danilo – Eu vi. (Fala colocando o dedo no peito)

Fernando – Uma obra que ninguém viu.

Profª Francisca – Você viu uma obra que ninguém viu?

Danilo – Só eu e você vimos, né? (confirma para o colega e aponta com o dedinho)

Fernando concorda balançando a cabeça positivamente.

Pesq. – É isso que ele vai nos mostrar. (se dirigindo à educadora)

E. M – Pronto...

Pesq. – O Fernando vai mostrar... (é interrompida pelo aluno que a corrige, acrescentando o nome do colega)

Fernando – Não, eu e o Danilo.

Pesq. – O Fernando e o Danilo vão nos mostrar, hoje, uma obra da Adriana Varejão que só eles viram. Nesta hora, outra criança interrompe:

Felice – Eu vi também uma coisa que ninguém viu.

E.M – Foi mesmo? Pois a gente vai mostrar o de cada um. Tá certo? Então, vamos iniciar... então, sejam bem-vindos de novo ao Espaço cultural Airton Queiroz, certo? Eu sou Taciana, pode chamar de Ana também, não tem problema, e essa é a tia Nádia, tá certo? [...]

E.M – ...Então, o que é que a gente precisa fazer? A gente não pode...

Fernando – Mexer

Kalvin – Correr, gritar e mexer.

Felice – Não pode colocar a mão. (gesticula com os braços)

E.M – Não pode tocar a mão e... (as crianças continuam)

Gis – E não pode passar da linha.

Rian – Não pode tocar.

Kalvin – Não pode passar da linha.

E.M – Não pode pegar, não pode tocar... (reiterando o que as crianças disseram)

Clarissa – Quem pegar quebra.

E.M 2 – Pode quebrar, tem que preservar, né? Eu vou só olhar (gesticula apontando para os olhos)

Educadora 1 – Muito bem, nós já estamos todos informados e a gente também vai precisar fazer o silêncio (nessa hora ela quebra o barulho baixando o tom de voz e falando compassadamente), porque vai ter outras pessoas lá em cima

Kalvin – Sem falar, sem falar

E.M – Eles estão olhando e procurando essas obras também.

Kalvin – E nãããão falar (bem enfático).

E.M – Pode falar, mas aí levanta a mãozinha... tá certo? Pra... se todo mundo falar junto ninguém vai se entender. Certo? Esse momento é de vocês...

[...]

Como podemos observar, a maior parte da conversa foi a respeito das regras e normas museológicas, já bem internalizadas pelas crianças, uma vez que essas visitas a espaços culturais fazem parte do currículo do UUNDC. O que nos interessa aqui é ver a obra mencionada pelos meninos. Portanto, quando o Fernando diz: “Eu vi uma obra que ninguém viu”, toma para si nesse momento o lugar central da enunciação, lugar partilhado com Danilo que reclama ao colega que também vira a mesma obra “invisível” aos demais colegas.

A pesquisadora, ao mediar, se dirige só ao Fernando, não inclui Danilo na sua fala, mas Fernando, logo a retifica. “Só eu e o Danilo”. Com essa observação da criança, a pesquisadora coloca os dois meninos como principais interlocutores de nossa presença no espaço cultural da Unifor. Esta fala da criança: “Só eu e o Danilo”, carrega um poder/saber e um poder/ver que se instauram entre os dois meninos. Contudo, a Felice, reivindica também o poder de enxergar a obra “invisível” aos olhos da maioria. A voz de Felice não encontra apoio noutras vozes. Para Bakhtin (1995), a relação dialógica pode habitar, mesmo no interior de uma só palavra, desde que nesta a voz do outro seja escutada. A voz de Felice não se faz ouvida por seus pares, só por Taciana (E.M). Talvez por isso, Felice não insiste e silencia.

Conforme o combinado, Fernando e Danilo nos conduziu até a obra “Ruína de Charque Humaitá” (2001), a obra que ninguém viu, segundo as crianças. A Educadora do Museu queria começar a exposição pelo percurso habitual indicado pela curadoria. Mas logo entendeu ou lembrou-se do que havíamos discutido antes e na roda de conversa no hall. Foi sensível na sua mediação com as crianças, podemos constatar isso em diversos momentos da visita. Segue transcrição da mediação sobre a obra que ninguém viu.

Figura I



Figura II



Crianças procurando a obra que “ninguém viu”(2015) Obra “Ruína de Charque Humaitá” (2001)

E.M – Pessoal, vamos aqui ó...

Pesq. – Danilo e Fernando [...]. É para esse lado ou para aquele que está a obra? Os dois meninos apontam para o lado esquerdo [...]

Danilo – É para cá.

Profª Francisca – Pois vamos lá.

E.M – Vamos sair por aqui, porque aí se eles virem... a obra está desse lado ou está do outro?

Profª Francisca interrompe – Vamos lá? (Todos saem à procura da obra)

Fernando – A gente já viu! (Enquanto caminham). Uma criança interroga – Cadê?

Profª Francisca – Vamos sentar, senta!

Fernando – É aqui essa obra.

Pesq. – Então, Fernando, está aqui a obra e você pode falar para seus colegas, para as mães que estão aqui, para as educadoras do Espaço Unifor...

Fernando – É eu e ele. (Interrompe a pesquisadora para incluir o colega).

Pesq. – É, vocês dois vão falar pra gente porque pode a Taciana e a Nádia saberem mais coisas sobre essa obra que a gente não sabe.

E.M – Pode ser também que a gente não saiba nada e vocês vão e complementam, né?

E.M – Vamos lá, vocês querem ficar de pé pra explicar pra gente?

Profª Francisca – Vamos ouvir o Fernando

Educadora – Bota a mãozinha pra trás...

Profª Francisca – O Fernando queria mostrar esta obra pra todo mundo, então... só não pode entrar na obra (ela intervém para que eles não ultrapassem o limite demarcado pela linha).

E.M – Nós vamos ficar sentadinhas para ouvir vocês.

Danilo – Eu acho interessante que é muito alto. (Aponta e olha para o topo da obra).

Prof^a Francisca – Muito alta!

Fernando – Eu acho interessante que é uma escada.

Prof^a Francisca – Parece uma escada?

Fernando – Uma escada maluca.

Prof^a Francisca – Uma escada maluca, parece Zartur. Por onde é que sobe nessa escada maluca?

Fernando – Igual ao homem-aranha. (Gesticula com todo corpo como se subisse...).

Prof^a Francisca – Igual ao homem-aranha, certo.

E.M – E o quê mais?

Zartur – É uma escada maluca. (Sorri)

Prof^a Francisca – Tu também acha que é uma escada maluca?

Pesq. – E como vocês acham que a Adriana fez esta obra?

Prof^a Francisca – Calvin, não passa da linha aí (Chama a atenção).

Pesq. – Fernando, como vocês acham que a Adriana fez essa escada maluca?

As crianças estão todas distraídas com a linha e Marcelle retoma:

E.M – Meninos vamos lá...

Prof^a Francisca – Héin gente, como é que vocês acham que a Adriana fez essa escada maluca, como foi?

Nessa hora Zartur levanta-se pra mostrar.

Zartur – É assim...

Prof^a Francisca – Não pode tocar, né, Zartur? (Estende o braço para contê-lo).

Zartur – Foi assim e por ali, até chegar no topo.

E.M – Sim, mas ela colocou o quê? Como é que ela construiu?

Prof^a Ângela – Não pega Zartur... (outra vez compreendido)

Hanna – (...) parece uma casa... (Inaudível, a criança cochicha no ouvido da mãe)

Prof^a Francisca – Parece uma casa (reitera a professora). As crianças falam todas ao mesmo tempo... (Inaudível).

Felice – Parece uma casa que ela construiu.

E.M – Ah! Parece uma casa, né? Muito interessante. E vocês acham que ela fez como?

Fernando – Pegou tijolos, pregou na fita ou usou cola. (Bate ambas as mãos como se colasse).

Prof^a Carmem – O Felipe disse que ela botou tijolos, pregou na fita ou usou cola.

E.M – É um processo grande...

Danilo – Botou cimento. (Retrucando a afirmação do colega).

Prof^a Francisca – Quem mais quer falar? Héin, Gina? (A aluna fala baixinho algo que a professora com esforço escuta seu comentário: “colocou fita”).

Pesq. – Cada um disse uma hipótese como foi que a artista construiu esta obra, agora a Taciana vai dar a versão dela.

E.M – Só ouvindo aqui a tia, rapidinho. (Chama a atenção da turma). Cada um de vocês falou um pouquinho sobre essa obra, né? A gente fala que na arte cada pessoa tem o seu olhar. Nenhuma pessoa vai chegar aqui, (aponta para a obra) nem todas as pessoas vão chegar aqui e vão ver isso, uma escada, algumas pessoas vão falar outras coisas, né? Algumas crianças falam que aqui parece o mundo dos gigantes, falam várias coisas por quê?

Zartur (exclama após deitar-se no chão) – Ai tá gelado! E a atenção é voltada para a temperatura do chão. [...]

E.M – Vamos sentar um pouquinho, só pra tia falar rapidinho. Sei que é bom essa experiência de a gente deitar, né, fazer essa experiência de olhar para a arte de uma outra forma, tá certo? Então, cada pessoa olha para obra de maneira diferente, certo? Então na obra nem tem o certo e nem tem o errado. Tem a experiência e o olhar de cada um de vocês e cada um vem de um papai e de uma mamãe diferentes.

De uma casa diferente. Pronto, então a Adriana Varejão, viu gente, ela trabalha muito com essa questão do azulejo. Aqui é um azulejo (Mostra na obra) Essa linha que vocês estão deitando no geladinho é um azulejo. E aí o azulejo é o que ela vai trabalhar mais, por quê? Porque é um elemento, é um objeto que ela gosta, né, porque ele vai lembrar do tempo, o nome dessa exposição é pele do tempo. Então pele, a gente sabe o que é pele, né? Pele é a nossa pele. (passa a mão no braço). Então, quando a gente vai ficando um pouquinho mais velho a nossa pele, às vezes, ela vai dar uma enrugadinha, ela vai mudando. E aí a Adriana Varejão ela quis mostrar que o tempo ele também passa para a obra de arte, ele passa para todos os objetos, né?

Então ela vai trazer aqui como se fosse uma casa, foi uma casa um dia, né?

[...]

A ideia de retornar a Exposição “Adriana Varejão: pele do tempo” foi instigada pela ação das crianças de encontrar a “obra que ninguém viu” e mostrá-la para os colegas, professoras e pesquisadora. Aqui, temos um indício da escuta da criança na sala de aula do Infantil IV do UUNDC.

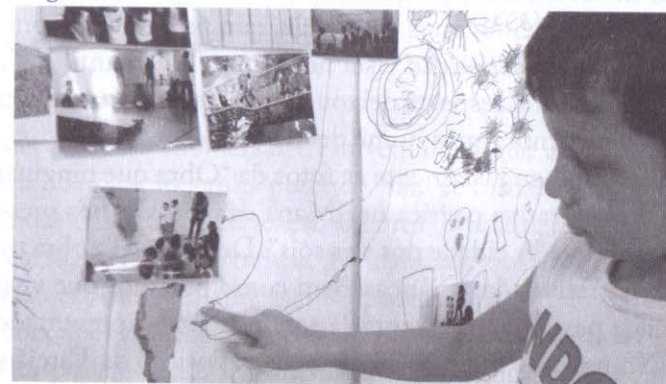
Na transcrição acima, podemos observar fluxos rizomáticos, conforme Deleuze e Guattari (2011), quando linhas molares e moleculares se entrecruzaram no espaço expositivo por diferentes vozes implicadas numa pesquisa-intervenção. Assim, podemos dizer, quando as crianças têm a palavra e procuram a obra que ninguém viu na exposição, invertemos a ordem museal, isto é, são as crianças que nos levam à obra e iniciam a mediação de um outro lugar, “um entre”. Ora, mas o que poderia ser a desterritorialização, fez o contrário, reterritorializamos aquele momento, ao colocarmos as crianças no lugar do educador do museu. Elas ficaram tímidas ao serem convocadas a mediar para nós, contudo, antes demonstraram alegria por nos levar até a obra que ninguém viu e para nos fazer vê-la.

Aqui, Bakhtin (2011) nos ajuda a pensar com o “excedente da visão estética”, diante dos enunciados sobre a obra que ninguém viu. A escrita permite tomarmos distância, auxiliada pelos recursos videográfico e fotográfico que atuaram como o excedente de visão. Estas lentes ampliam a nossa reflexão sobre o vivido, imersos naquele acontecer, no qual muitas vozes de crianças falavam ao mesmo tempo. E, adultos, por um excesso de cuidado, cerceávamos os atos de contemplação-ação das crianças. Durante a visita, a mãe de Hanna me segreda o que a filha lhe havia dito: “Mãe, parece o coração da casa!”. Referindo a obra supracitada. O coração órgão fundamental de nosso corpo, que vive emoções diversas, em ritmos diferentes, inclusive nos faz ver de “Cor” também as obras de artes. Quem suporia que esta obra poderia assemelhar-se a um coração? Como diz Otto Lara Rezende: “A criança vê o que o adulto não vê”.

Aqui, a mediação encontra o que Vigotsky (1998, 2006) considera como a chave para o desenvolvimento das relações entre o intelecto e as emoções. O autor, ao pensar sobre a arte, partilha da ideia que esta é expressão, além de trabalho e processo de criação fundamentado na cultura e na história. Adriana Varejão encontra na História da Arte, em particular no Barroco, a referência para sua poética visual. A mediadora, ao falar da passagem do tempo, faz uma relação da ação deste em nossa pele e nos objetos, bem como as dobras, as camadas de sentidos que habitam a obra. Após esse momento, fomos apreciar outras obras de um modo mais livre, no qual as crianças puderam desenhar em frente algumas obras, deitadas, sentadas, sozinhas, em pequenos grupos, em dupla e etc.

Assim, a experiência que vivemos em arte encontra ressonância nas palavras de Dewey (2010, p.82), quando diz que a “[...] arte celebra com intensidade peculiar os momentos em que o passado reforça o presente e em que o futuro é uma intensificação do que existe agora”. Foi o que Danilo viveu na experiência museológica. Ao voltar à escola, ele intensificou o processo de criação cartográfica. Ora, se no Espaço Cultural, com suas interdições normativas, o ato de criação se restringe, aqui ele se expande uma vez que o nosso tempo é maior e o processo de mediação é outro. Observem a imagem abaixo de uma de nossas microcartografias.

Figura III



Fragmento do “Mapa das fotos”. Cartografia poética realizada pelas crianças do Infantil V.

A ideia de acontecimento tanto na teoria bakhtiniana, quanto na Deleuziana-guattariana nos possibilitou pensar que o “Mapa das fotos” foi um acontecimento singular partilhado entre crianças e adultos, nessa construção coletiva vivida no processo da pesquisa. Na imagem acima, Danilo narra a história “A cidade dos 6 sóis”. Um lugar distante da escola, diz, ele: “[...] Lá morava um menino que tinha medo de mosquito, cobra e dragão, ficava muioooooo longe da escola. Vou levar o menino pra ver essa obra da Adriana Varejão”, apontando com o dedo indicador na linha desenhada por ele. Percurso que liga a cidade imaginária a exposição “Adriana Varejão: pele do tempo”. (Diário de campo, 31 de maio de 2016). Podemos perceber as linhas moleculares na criação da narrativa poética do Danilo. O habitante da “Cidade dos 6 sóis” se desloca para ver a exposição. Aqui, temos dois sinalizadores

cartográficos: tempo e espaço que constroem linhas de fuga dos espaços institucionalizados escola e museu. Aqui, o enunciador diz e vive o que não foi possível viver com intensidade no espaço museológico, mas foi possível viver no processo cartográfico mediado em sala de aula.

Havia se passado quase seis meses daquela experiência museal e do encontro com a “Obra que ninguém viu”. Agora, no entanto, Danilo não se esqueceu porque viveu de fato a experiência, deu sentido a sua experiência, conforme Larrosa (2016), compreende como algo que nos acontece, que nos afeta. Danilo nem se quer esqueceu o nome da exposição “Adriana Varejão: pele do tempo”. Quando retomamos as intervenções e perguntamos as crianças sobre o nome da exposição, a voz que ouvimos foi a dele, que pronunciou com muita precisão o nome da exposição vista no “tempo do Infantil IV”, como dizem as crianças. Tal resposta deixou as professoras boquiabertas, por não ser comum lembrarmos nome de exposições.

Danilo escolheu justamente as fotos da “Obra que ninguém viu”, para criar sua narrativa poética no “Mapa das fotos” e nos presenteou com essa narrativa “A cidade dos seis sóis”. De invisível a obra torna-se visível nas narrativas das crianças, bem como para nós que vivemos a experiência e passamos a enxergá-la sob outro viés apresentado pelas crianças. No meio de mais de 30 obras da exposição da Varejão, algumas tornam-se invisíveis aos olhos dos visitantes.

A narrativa poética do Danilo nos autoriza a pensar que a mediação pedagógica em artes visuais pode ser formadora para a sensibilidade da criança, porque ela pode ser produtora de ação para a liberdade de invenção e de reinvenção. No “Mapa das fotos” capturamos narrativas visuais sobre os afetos e as intensidades, no sentido de pensar a potência do processo de criação. “Os mapas não devem ser compreendidos só em extensão, em relação a um espaço constituídos de trajetos. Existem também mapas de intensidade, de densidade, que dizem respeito ao que preenche o espaço, ao que subtende o trajeto” (DELEUZE, 2011, p. 86-87)

Deleuze se reporta a duas dimensões espaciais, o espaço real e o espaço poético. Esses espaços se entrecruzam na vida e na arte e nas situações lúdicas, bem observadas por Costa, ao dizer que:

[...] é o caráter de reedição do vivido, agora em espaço protegido dos efeitos sobre o real (*setting* lúdico), bem como daqueles advindos da realidade. A situação lúdica institui um espaço de experimentação onde são elaboradas as significações que circulam no plano vivencial (COSTA, 2012, p. 196).

A partir disso podemos inferir que Danilo apoiado na exposição de Varejão, encontrou subsídios para sua invenção poética lúdica da “Cidade dos seis sóis”.

Considerações finais

A Arte não representa o visível, a Arte torna visível.
(Paul Klee)

Nas camadas submersas (re)inventam o que não pode ser visto. Assim, a imaginação ganha potência para se tornar visível na arte e na poética das crianças da educação infantil. Durante o percurso da pesquisa, cartografamos narrativas, gestualidade dos corpos das crianças no espaço expositivo. Aqui, não foi possível dizer tudo o que vivemos no estudo, apenas ensaiar o nosso modo de dizer e de fazer pesquisa.

Mas podemos dizer agora, distante da mediação, que no processo de escrita, o nosso “excedente da visão estética” nos permite enxergar os avanços e recuos da pesquisadora e das demais colaboradoras implicadas nos processos mediacionais. Quando estamos imersos no processo, muitas vezes, não nos damos conta de tudo o que nos acontece no campo empírico, contudo, quando nos afastamos, o nosso olhar se amplia, nos possibilitando enxergar o vivido na pesquisa. Com esta reflexão, abre-se um momento para continuarmos nos reinventando como pesquisadores.

O visível e o invisível se mostraram e se camuflaram na exposição “Adriana Varejão: pele do tempo”. Cada visitante pode enxergar de um modo os objetos artísticos, ver o que outros não veem. A experiência é algo que não pode ser roubada, mas vivida na sua intensidade. Podemos dizer ainda que, a mediação pedagógica em artes visuais vivida em nossa pesquisa foi de fato intensa e produziu no outro a diferença e a singularidade. Adultos e crianças cresceram juntos, ampliaram seus horizontes estéticos visuais. A experiência ensaja a

questão: o que a arte pode fazer conosco ou o que podemos fazer com a arte contemporânea na educação infantil?

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos da. **Brincar e Escola: o que as crianças têm a dizer?** Fortaleza: Edições UFC, 2012.
- DELEUZE G. e F. GUATTARI. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2014. Vol1. (Coleção TRANS)
- _____. Percepto, afecto e conceito. In: DELEUZE G e GUATTARI F. **O que é a Filosofia?** 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010, (Coleção TRANS).
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins, 2010. (Coleção Todas as Artes).
- DIDI-HUBERMAN, Georges. A inelutável cisão do ver. In: _____. **O que vemos, o que nos olha**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2010. (Coleção TRANS).
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. (Coleção Educação: Experiência e sentido)
- MEIRELES, Cecília. "Reinvenção". In: **Os melhores poemas de Cecília Meireles**. Seleção Maria Fernanda. São Paulo: Global, 2004.
- ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Katia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2003, vol. 23, n. 4, p. 64-73.
- SARMENTO Manuel. Sociologia da infância: correntes e confluências. In: SARMENTO. Manuel e GOUVEA. Maria Cristina Soares de.(orgs.). **Estudos da Infância: educação e prática sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Ciências sociais da Educação).
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. **La imaginación y el arte en la infancia**. Ediciones Akal, S. A. Madri, España, 2003, 2006.